

EaD não é escola. EaD é uma solução precária para uma situação de emergência – que alguns querem converter em solução para precarizar o trabalho em educação. O EaD implode o espaço-tempo escolar, ampliando sem limites o trabalho de professoras, professores, auxiliares, alunos e alunas.

A solidariedade e a organização entre as diversas categorias de trabalhadores da educação se faz mais necessária do que nunca. É hora de recusar a competição, elogiar o trabalho dos colegas, evitar cobrar os outros e estar atento para não promover um ritmo de trabalho enlouquecedor que prejudique todo mundo.

Entre as telas de *tablets*, celulares e computadores, cada um de nós está desenvolvendo suas próprias estratégias para continuar precariamente o curso com os alunos, proteger-se do policiamento dos pais e da coordenação, evitar a apropriação indevida do material produzido, reduzir a carga de trabalho e apoiar os colegas. Precisamos compartilhar essas estratégias entre nós para enfrentar coletivamente a crise. Este manual é só o começo!



PEQUENO MANUAL DE

RESISTÊNCIA NO EAD

SOBRECARGA DE TRABALHO

Nós não somos Youtubers, nem técnicos de informática. Não temos obrigação de saber usar todas as plataformas que as escolas estão adotando. Ao invés de nos transferir esse trabalho, a escola pode remunerar profissionais de informática ou mesmo professores que já dominam essas tecnologias para preparar formações e tutoriais

Não cabe a nós comprar equipamentos ou material didático para viabilizar o ensino à distância. A escola não pode exigir mais do que a emergência do momento permite aos professores, com os recursos que nós temos à disposição. Registre todas as cobranças desse tipo e converse com os colegas para que ninguém atenda a exigências absurdas.

Para os professores e para os estudantes, é **inviável manter o ritmo de trabalho e o cronograma como se nada estivesse acontecendo**. A escola precisa desacelerar – e são os professores que devem ditar o passo! Para que o trabalho não ocupe todas as dimensões das nossas vidas, precisamos limitar a interação virtual com a escola e os alunos.

Não fique 24 horas *online*, evite responder mensagens imediatamente, especialmente fora do seu horário de trabalho. Tente sugerir um horário limite para esse tipo comunicação e o uso exclusivo de emails corporativos. Guarde mensagens com exigências de trabalho fora do seu horário normal.

Muitos estudantes enfrentam dificuldades de acesso à internet ou a um computador em casa. Para não sobrecarregar nem a eles nem a nós, precisamos equilibrar o número de atividades e evitar preencher toda a nossa carga horária com videoconferências. É possível negociar coletivamente uma ampliação da diversidade de atividades: as aulas *online* nem sempre são a melhor estratégia pedagógica e o uso de uma diversidade maior de atividades beneficia estudantes e professores. É possível construir, em cada colégio, um acordo – tácito ou explícito – entre o maior número de professores possível para **DESACELERAR**.



As tecnologias digitais ampliam exponencialmente as possibilidades de controle do nosso curso pela coordenação e pelos pais. Durante videoconferências, podemos pedir para que os estudantes usem fones de ouvido e para que os familiares não participem das aulas. Se preciso, peça junto com os colegas para que a escola reforce com os pais que o contato com os professores deve ser feito por meio da orientação e registre toda comunicação que fuja ao protocolo.

Além disso, não podemos permitir que as famílias tenham acesso aos nossos contatos pessoais ou nos contatem diretamente sem que tenhamos sido consultados. Relembre à coordenação que é importante avisar com antecedência que assistirão a uma aula.

Organizados, os professores podem se opor coletivamente à gravação de aulas ou reivindicar que a instituição apague o repositório de aulas gravadas assim que as aulas presenciais forem retomadas.

Se isso não for possível, dá para tomar medidas que dificultam o aproveitamento da gravação para outros fins: dialogar bastante com os alunos, sem longas exposições, diminuir a qualidade do vídeo, projetar a tela, evitando mostrar o rosto.

Nós temos a autoria e a propriedade intelectual de tudo que produzimos para as aulas; precisamos garantir que esse material seja utilizado apenas por nós e por nossas turmas. Discuta com os colegas, documente e denuncie qualquer irregularidade.



**VIGILÂNCIA, PERSEGUIÇÃO
E APROPRIAÇÃO INDEVIDA**

ORGANIZAÇÃO

Não assine nada sozinho! Lembre-se: termos com teor ilegal ou acordos assinados em situação de assédio ou coação não têm validade. Na dúvida, procure o sindicato, discuta com os colegas e tente enfrentar coletivamente as investidas da escola.

Para isso, precisamos iniciar ou retomar minimamente o contato com os colegas, criando **alternativas para os nossos antigos espaços de sociabilidade e organização**, como a sala dos professores. Vale criar um grupo de Whatsapp com os professores mais próximos, reativar grupos que estavam mortos, conversar por videochamada ou convocar uma reunião virtual, como já aconteceu em alguns colégios. **Podemos estar isolados em casa, mas não estamos sós!**

Fique atento também à situação dos funcionários administrativos, dos auxiliares, dos professores com contratos precários (MEI e PJ) na sua escola. **Um posicionamento coletivo do corpo docente pode ajudar a reverter ameaças de demissão, redução salarial e suspensão de contratos.** Caso algo do tipo se concretize, quem não foi afetado pode organizar um fundo solidário para apoiar os outros colegas.

Os sindicatos e advogados podem ajudar a denunciar irregularidades flagrantes ou fornecer orientação jurídica, mas **a nossa força depende muito da auto-organização em cada colégio!** Precisamos nos organizar desde já para frear o avanço dos mecanismos digitais de controle e de intensificação do nosso trabalho e impedir que eles se estabeleçam de uma vez por todas no cotidiano escolar.

